

1.^a EDIÇÃO
2 0 2 4



KIT VITA

GRUPO 

 CONFERÊNCIA
EPISCOPAL
PORTUGUESA



KIT VITA

Capacitar para prevenir

**Recurso prático para ações
de capacitação sobre a
violência sexual no contexto da
Igreja Católica em Portugal**

FICHA TÉCNICA

Preparado para:

Conferência Episcopal Portuguesa [CEP].

Preparado por:

Grupo VITA – Grupo de acompanhamento das situações de violência sexual de crianças e adultos vulneráveis no contexto da Igreja Católica em Portugal.

Autores:

Rute Agulhas, Alexandra Anciães, Joana Alexandre, Jorge Neo Costa, Ricardo Barroso.

Sugestão de Referência:

Agulhas, R., Anciães, A., Alexandre, J., Neo-Costa, J., & Barroso, R. (2024). KIT VITA: Capacitar para prevenir. Recurso prático para ações de capacitação sobre a violência sexual no contexto da Igreja Católica em Portugal. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa.

Design gráfico e Paginação:



Data da publicação:

Junho de 2024

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Este documento é da responsabilidade dos autores e foi elaborado com base na revisão de literatura previamente efetuada para a elaboração do Manual de Prevenção da Violência Sexual contra Crianças e Adultos Vulneráveis no contexto da Igreja Católica em Portugal. Contém material e informação cujos direitos de autor pertencem à CEP e não pode ser reproduzido ou copiado sem a permissão da mesma. Os recursos disponibilizados (p. ex., vinhetas, questionário de pré e pós-teste) podem ser reproduzidos sem quaisquer restrições, desde que acompanhados pela referência deste documento.

ÍNDICE

Nota introdutória	06
--------------------------	-----------

CONHECER.

Módulo 1. Dinâmicas da Violência Sexual	12
Módulo 2. Como reagir face a uma suspeita ou revelação?	16
Módulo 3. Agressores	20

PREVENIR.

Módulo 1. Recrutamento e Seleção Seguros	26
Módulo 2. Mapas de Risco e Códigos de Conduta	28
Módulo 3. Sensibilização e Prevenção	30

AGIR.

Módulo 1. Políticas e Canais de Denúncia	34
--	----

E agora? Considerações finais	50
--------------------------------------	-----------

NOTA INTRODUTÓRIA

O **KIT VITA** é um recurso complementar ao Manual de Prevenção da Violência Sexual contra Crianças e Adultos Vulneráveis no contexto da Igreja Católica em Portugal (publicado em dezembro de 2023¹ - adiante, designado apenas por Manual de Prevenção), apresentando um roteiro formativo com uma proposta de ações de capacitação de natureza mais ativa.

Pretende ser um recurso prático que facilite a promoção de boas práticas, podendo ser utilizado por agentes formativos na dinamização de ações de capacitação dirigidas a padres, diáconos, religiosas, agentes pastorais, elementos de IPSS católicas e demais estruturas eclesiais, auxiliando na estruturação e uniformização dessas ações sobre a temática da violência sexual no contexto da Igreja Católica em Portugal.

Estas ações de capacitação têm como objetivo aumentar conhecimentos e promover competências para saber identificar, reagir e prevenir situações de violência sexual, providenciando aos participantes a oportunidade de contribuir para uma cultura de maior proteção e cuidado.

O KIT VITA termina com uma atividade mais abrangente que permite uma reflexão integradora de todos os conteúdos sistematizados.

IMPORTANTE

Antes de se constituir como agente formativo é sugerida a frequência da formação avançada disponibilizada pelo Grupo VITA e a consulta do Manual de Prevenção

¹ Agulhas, R., Anciães, A., Alexandre, J., Neo-Costa, J., Barroso, R., Ramalho, D., Vergamota, J., & Mota, M. (2023). Manual de Prevenção da Violência Sexual contra Crianças e Adultos Vulneráveis no Contexto da Igreja Católica em Portugal. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa. Consultar: <https://grupovita.pt/prevencao/>

O **Manual de Prevenção** está organizado em três grandes temas:

CONHECER.

PREVENIR.

AGIR.

O **KIT VITA** disponibiliza, para cada um destes temas, diversos **módulos formativos**, com diferentes **sessões** e propostas de **atividades**, que visam complementar de uma forma prática este Manual.

O **KIT VITA** apresenta-se como um roteiro formativo com um total de 18h de formação:

TEMA	MÓDULOS	DURAÇÃO
CONHECER.	Módulo 1. Dinâmicas da Violência Sexual.	3h.
	Módulo 2. Como reagir face a uma suspeita ou revelação?	3h.
	Módulo 3. Agressores.	3h.
PREVENIR.	Módulo 1. Recrutamento e Seleção Seguros.	2h.
	Módulo 2. Mapas de Risco e Códigos de Conduta.	2h.
	Módulo 3. Sensibilização e Prevenção.	2h.
AGIR.	Módulo 1. Políticas e Canais de Denúncia.	3h.



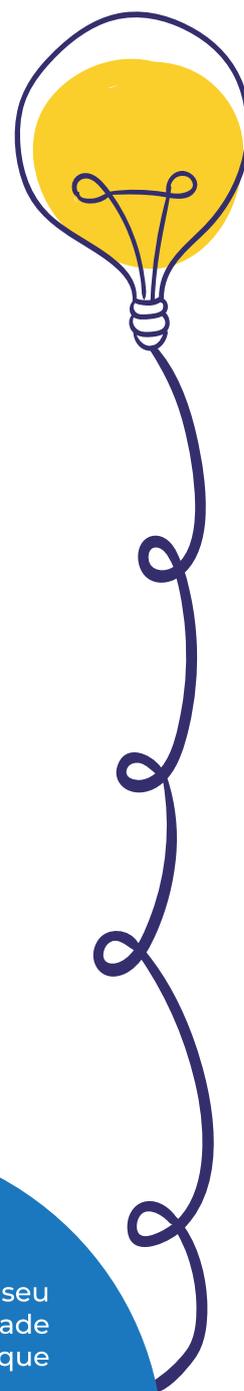
TER EM CONTA QUE...

O **Manual de Prevenção** providencia **conteúdos teóricos** que podem ser utilizados por parte dos agentes formativos de diversas formas, nomeadamente, em formato de *powerpoint*, numa lógica de metodologia de apresentação mais expositiva. Num segundo momento, sugere-se o recurso às sugestões do **KIT VITA**, que promovem **metodologias reflexivas e mais interativas**, potenciando a consolidação dos conhecimentos adquiridos.

Na fase de preparação das ações de capacitação é necessário rever todos os conteúdos a adaptá-los ao contexto de atuação específico.

Ao adaptar, lembre-se:

- Assegurar que as atividades são apropriadas ao seu contexto de atuação. Caso identifique alguma atividade que não se revele adequada, substitua-a por outra que permita alcançar os objetivos definidos.
- As atividades sugeridas e as questões para reflexão devem ser entendidas como pistas orientadoras, passíveis de ser alteradas em função do contexto específico.
- A duração prevista para cada módulo é apenas uma estimativa, podendo ser ajustada em função do contexto, destinatários e dimensão do grupo formativo.





MÃOS À OBRA

CONHECER.

CONHECER.

Neste tema pretende-se conhecer a problemática da violência sexual contra crianças/adultos vulneráveis de uma forma geral, e no contexto da Igreja Católica, de uma forma mais específica. Inclui as dinâmicas específicas da violência sexual, na perspetiva das vítimas, bem como a compreensão do funcionamento das pessoas que cometem crimes de natureza sexual.

As ações de capacitação sobre este tema podem ser organizadas em três módulos, com os seguintes conteúdos:

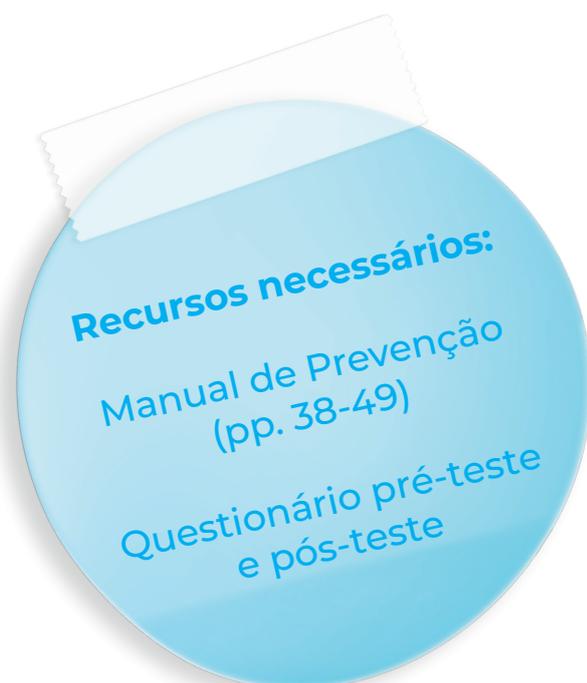
MÓDULOS	TÓPICOS ABORDADOS
Módulo 1. Dinâmicas da violência sexual.	1.1. Prevalência e incidência 1.2. Mitos & Factos 1.3. Sinais e sintomas 1.4. Impacto
Módulo 2. Como reagir face a uma suspeita ou revelação?	2.1. O que dificulta a revelação? 2.2. O que facilita a revelação? 2.3. O que fazer e não fazer?
Módulo 3. Agressores.	3.1. Mitos & Factos 3.2. Processo de <i>Grooming</i>

Este tema está organizado
em 3 MÓDULOS,
cada um com uma duração
prevista de 3h!

// DINÂMICAS DA VIOLÊNCIA SEXUAL.

Objetivos de aprendizagem

1. Conhecer os dados de prevalência e incidência, a nível nacional e internacional.
2. Conhecer alguns mitos sobre o tema da violência sexual e as evidências que os permitem desconstruir.
3. Identificar alguns sinais e sintomas mais frequentes em situações de violência sexual, a nível físico, cognitivo, emocional e comportamental.
4. Identificar as características de situações potencialmente traumáticas e manifestações clínicas associadas.



TÓPICO 1.1 PREVALÊNCIA E INCIDÊNCIA

Ver páginas 38-40 do Manual de Prevenção



QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Qual a diferença entre prevalência e incidência?
2. Em que medida os dados de prevalência e incidência podem ajudar na definição de estratégias de intervenção e prevenção?

TÓPICO 1.2 MITOS & FACTOS

Ver páginas 41-42 do Manual de Prevenção, bem como o tema **PREVENIR** do mesmo documento.



ATIVIDADES SUGERIDAS

1. Questionário pré e pós-teste.

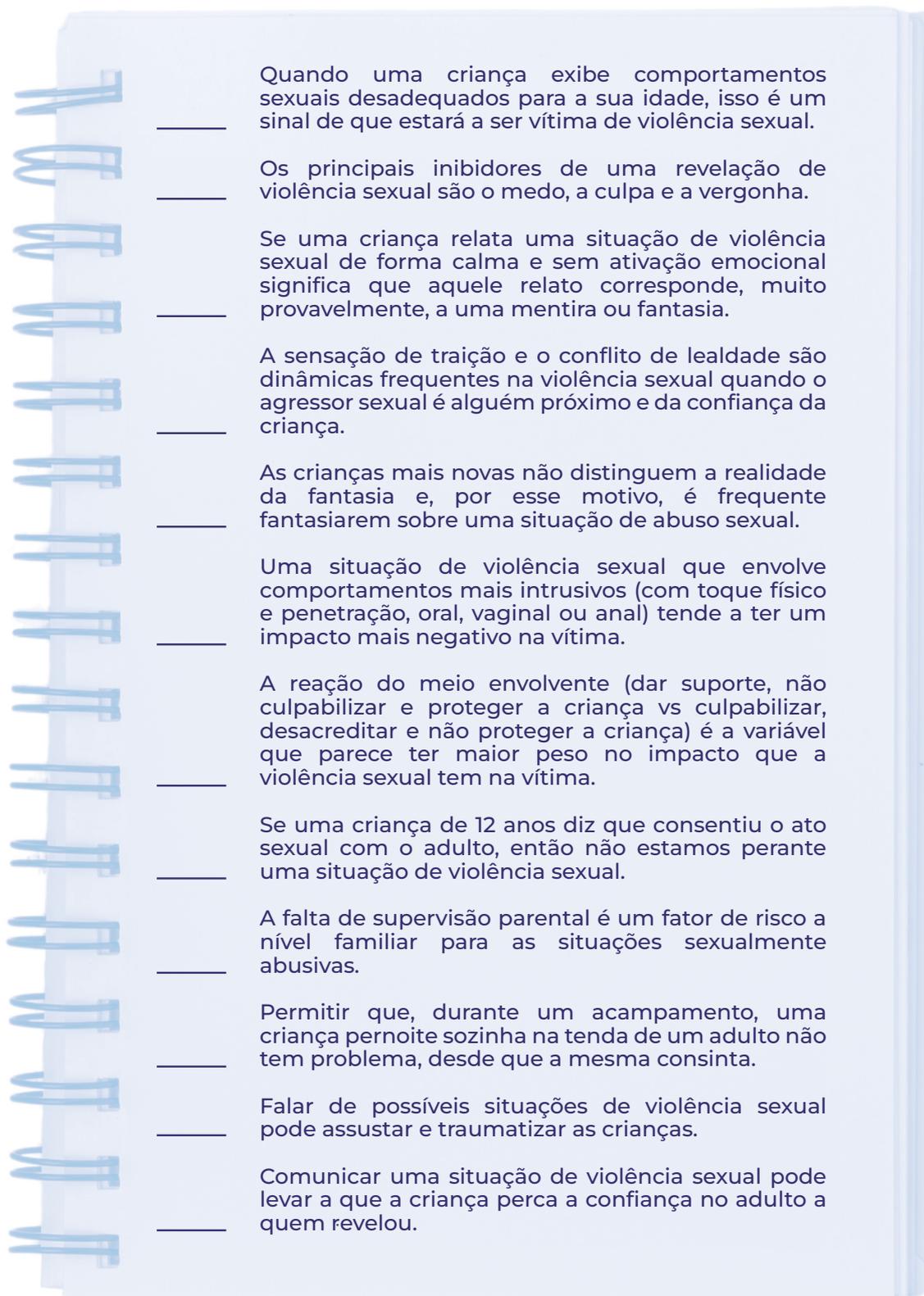
QUESTÕES PARA REFLEXÃO



1. Quais destes mitos parecem ser mais frequentes à data atual?
2. Qual o impacto que estes mitos podem ter no processo de acolhimento e de proteção das vítimas de violência sexual?
3. Em que medida podem estes mitos dificultar o desenvolvimento de ações de prevenção primária da violência sexual?

Este questionário sistematiza alguns **mitos & realidades** e pode ser utilizado, quer como instrumento de avaliação pré e pós-teste (permitindo avaliar o impacto das ações de capacitação, em termos de aquisição de conhecimentos), quer como forma de suscitar a discussão e a reflexão.

Indique se cada afirmação é **Verdadeira (V)** ou **Falsa (F)**.



_____ Quando uma criança exibe comportamentos sexuais desadequados para a sua idade, isso é um sinal de que estará a ser vítima de violência sexual.

_____ Os principais inibidores de uma revelação de violência sexual são o medo, a culpa e a vergonha.

_____ Se uma criança relata uma situação de violência sexual de forma calma e sem ativação emocional significa que aquele relato corresponde, muito provavelmente, a uma mentira ou fantasia.

_____ A sensação de traição e o conflito de lealdade são dinâmicas frequentes na violência sexual quando o agressor sexual é alguém próximo e da confiança da criança.

_____ As crianças mais novas não distinguem a realidade da fantasia e, por esse motivo, é frequente fantasiarem sobre uma situação de abuso sexual.

_____ Uma situação de violência sexual que envolve comportamentos mais intrusivos (com toque físico e penetração, oral, vaginal ou anal) tende a ter um impacto mais negativo na vítima.

_____ A reação do meio envolvente (dar suporte, não culpabilizar e proteger a criança vs culpabilizar, desacreditar e não proteger a criança) é a variável que parece ter maior peso no impacto que a violência sexual tem na vítima.

_____ Se uma criança de 12 anos diz que consentiu o ato sexual com o adulto, então não estamos perante uma situação de violência sexual.

_____ A falta de supervisão parental é um fator de risco a nível familiar para as situações sexualmente abusivas.

_____ Permitir que, durante um acampamento, uma criança pernoite sozinha na tenda de um adulto não tem problema, desde que a mesma consinta.

_____ Falar de possíveis situações de violência sexual pode assustar e traumatizar as crianças.

_____ Comunicar uma situação de violência sexual pode levar a que a criança perca a confiança no adulto a quem revelou.

TÓPICO 1.3 SINAIS E SINTOMAS

Ver páginas 43-45 do Manual de Prevenção



QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Existem sinais e sintomas específicos da violência sexual?
2. Quais são os sinais e sintomas mais frequentes?
3. O que são vítimas assintomáticas?

TÓPICO 1.4 IMPACTO

Ver páginas 46-49 do Manual de Prevenção



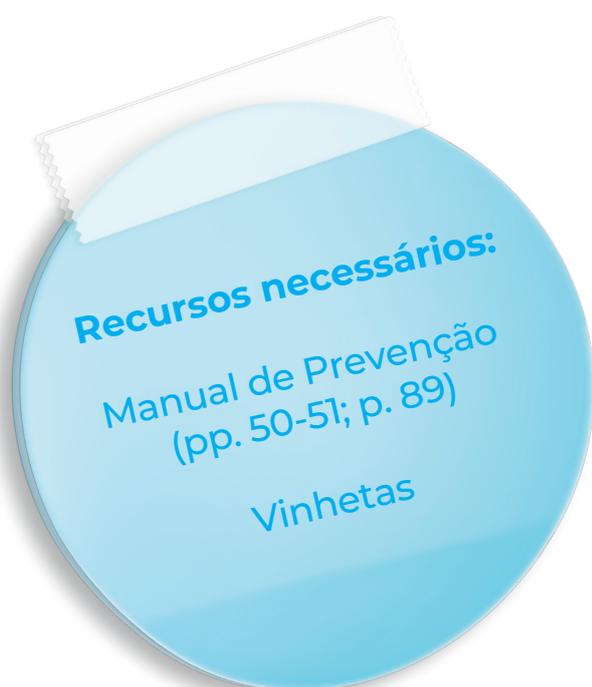
QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Porque afirmamos que a violência sexual é uma situação potencialmente traumática?
2. Quais podem ser as diversas manifestações clínicas associadas ao trauma?
3. Que fatores podem agravar os efeitos da violência sexual?
4. De que forma pode a Igreja minimizar o impacto da vivência de um trauma?

// COMO REAGIR FACE A UMA SUSPEITA OU REVELAÇÃO?

Objetivos de aprendizagem

1. Conhecer os principais fatores inibidores e facilitadores da revelação.
2. Saber o que fazer e não fazer face a uma suspeita ou revelação.





ATIVIDADES SUGERIDAS

1. Vinhetas.
2. *Role play* de uma situação de revelação, com análise da forma como a pessoa de confiança reagiu – pontos fortes e aspetos a melhorar.

VINHETAS

Apresentam-se alguns casos práticos, que pretendem gerar a discussão e a reflexão.

ESTUDO DE CASO 1

A Glória tem 12 anos e gosta muito da catequese. Ultimamente, tem revelado maiores dificuldades em seguir as orientações, destabilizando o grupo, pelo que um catequista mais velho se ofereceu para lhe prestar apoio individual. Um dia, este catequista tocou-lhe nos seios e disse-lhe que ela estava a tornar-se numa linda mulher. A Glória sentiu-se muito desconfortável, mas tem medo de denunciar o catequista. Receia que, ao denunciar, possa não ser acreditada e, ainda, ser impedida de participar nas próximas atividades da catequese.



QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Nesta situação, foi usada alguma coerção?
2. Quem tem mais poder nesta situação?
3. Que conselhos daria à Glória?
4. Que tipo de procedimentos poderiam ser adotados para evitar situações como esta?
5. Se a Glória partilhasse consigo esta situação, o que deveria/não deveria dizer e fazer?

ESTUDO DE CASO 2

A Maria acabou de fazer 14 anos e é boa aluna, mas tem dificuldades em cumprir com as suas atividades escolares, devido a diversas dificuldades que a sua família está a enfrentar. Os pais estão doentes e desempregados e a Maria é a cuidadora dos três irmãos mais novos.

Recentemente, o professor pediu à turma para adquirir um novo livro prático de Matemática, mas a família da Maria não tem forma de o comprar. Um dia, quando ia para casa, um funcionário da escola, que Maria conhece bem e que sempre foi simpático com todos os alunos, passou de carro e ofereceu-lhe boleia. No interior do carro, o funcionário começou a tocar-lhe nas pernas, dizendo que gostaria de a ajudar, oferecendo dinheiro em troca de alguns favores. A Maria não quer fazer estes favores, mas o dinheiro prometido permitiria comprar o material escolar e ajudar a sua família.



QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Quem tem poder nesta situação?
2. Esta situação pode ser enquadrada como uma forma de violência sexual?
3. Que conselhos podemos dar a jovens como a Maria?
4. Que procedimentos pode a escola adotar para evitar este tipo de situações?
5. De que modo pode este estudo de caso ser adaptado ao seu contexto específico de atuação, de modo a poder ser abordado com as crianças/adultos vulneráveis?

ESTUDO DE CASO 3

O Miguel tem 18 anos e a Ana tem 13 anos. Conheceram-se na paróquia perto da sua casa e rapidamente simpatizaram um com o outro. Participam ativamente na catequese e em todas as atividades promovidas pela paróquia. No mês passado, foram a um acampamento de três dias com o seu agrupamento de escuteiros.

No acampamento, todos à sua volta brincavam sobre como pareciam namorados, pela proximidade que mantinham diariamente – o que os deixava envergonhados. Enquanto as raparigas falavam com Ana sobre o encanto de uma relação futura, os rapazes incentivavam Miguel a iniciar uma relação mais íntima com Ana, alegando que esta dava alguns sinais de estar interessada nele, abraçando-o e procurando estar sempre perto de si.

Numa noite, enquanto todos faziam um jogo, Miguel levou a Ana para a sua tenda e apesar de alguma resistência por parte da jovem, acabou por manter um contacto mais íntimo, beijando-a e acariciando-a na sua zona vaginal. Assustada e a chorar, Ana saiu da tenda e foi deitar-se, sem contar a ninguém o sucedido. Nos dias seguintes, Ana começou a evidenciar maior tristeza e apatia, isolando-se e não participando nas atividades, dizendo que se sentia adoentada.



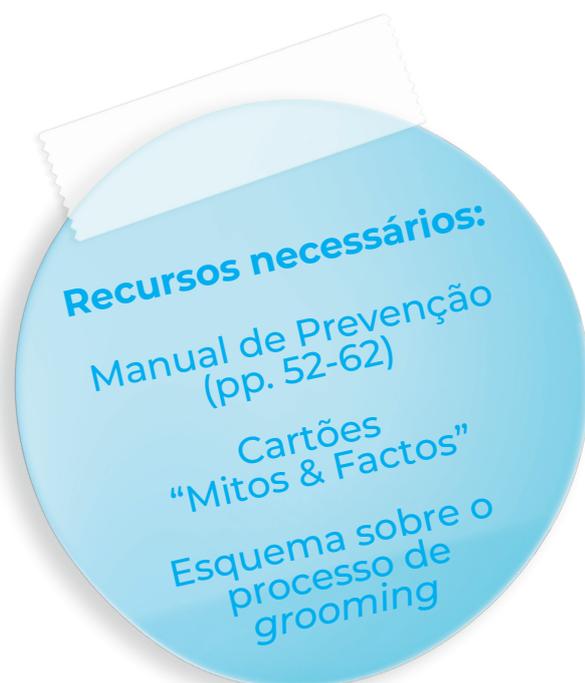
QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. A relação entre Miguel e Ana foi consensual?
2. Os comportamentos descritos permitem falar em abuso sexual?
3. Que impacto pode ter a pressão por parte do grupo de pares na adoção de comportamentos mais desajustados ou agressivos?
4. Perante as alterações de funcionamento de Ana, o que poderiam ter feito os adultos presentes?
5. Que tipo de procedimentos devem ser adotados nos acampamentos para prevenir este tipo de situações?

// AGRESSORES.

Objetivos de aprendizagem

1. Compreender as dinâmicas de comportamento dos agressores sexuais, tendo em vista antecipar comportamentos suspeitos e desenvolver estratégias eficazes de prevenção.
2. Distinguir claramente entre mitos comuns e os factos corretos relacionados com as características dos agressores.
3. Entender o que é aliciamento sexual e reconhecer os sinais de comportamentos suspeitos.



TÓPICO 3.1 MITOS & FACTOS

Ver páginas 54-57 do Manual de Prevenção



ATIVIDADES SUGERIDAS

1. Debate em grupo. Dividir os participantes em pequenos grupos e atribuir a cada grupo um cartão com um mito para discutir. Cada grupo deve apresentar as suas conclusões sobre por que razão o mito é incorreto e qual é o facto correto. Os grupos apresentam as suas conclusões ao grande grupo, promovendo-se a discussão entre todos os elementos.



QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Por que é importante entender as motivações dos agressores para o processo de prevenção da violência sexual?
2. Quais são alguns dos fatores específicos do contexto da Igreja que podem facilitar a ocorrência de abusos sexuais?
3. Como é que a posição de autoridade e confiança pode ser aproveitada para cometer abusos sexuais?
4. Que medidas podem ser implementadas para reduzir as oportunidades de abuso sexual dentro das instituições religiosas?

TÓPICO 3.2 PROCESSO DE *GROOMING*

Ver páginas 58-60 do Manual de Prevenção



ATIVIDADES SUGERIDAS

1. Simular conversas *online* e *offline*, identificando as estratégias de aliciamento por parte do agressor e as reações das crianças que as podem proteger.
2. Incentivar os participantes a partilhar as suas reflexões e sentimentos sobre as simulações. Perguntar como se sentiram ao realizar o *role play* e o que aprenderam com a experiência. Utilizar este momento para reforçar as estratégias de segurança discutidas.



QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Quais são alguns sinais comportamentais que podem indicar que uma criança ou adolescente está a ser alvo de *grooming*/aliciamento sexual?
2. Quais as diferenças nas estratégias de *grooming* entre ambientes *online* e *offline*?
3. Como podemos educar as crianças para que reconheçam e denunciem comportamentos suspeitos?
4. Que políticas e procedimentos devem estar em vigor para prevenir e responder ao *grooming*?

ESQUEMA PROCESSO DE GROOMING (ALICIAMENTO SEXUAL)



PREVENIR.

PREVENIR.

Este tema pretende suscitar a reflexão sobre políticas e procedimentos que visam assegurar uma cultura de cuidado e proteção nos contextos religiosos que as crianças frequentam. Para tal, procura-se refletir sobre o processo de recrutamento e seleção e a elaboração de mapas de risco e códigos de conduta, com vista à promoção de boas práticas preventivas.

Este tema engloba também propostas de ações de prevenção de cariz universal, i.e., dirigidas a todas as crianças, sem que se observe qualquer tipo de risco associado. Estas ações visam sensibilizar crianças e adultos sobre a problemática da violência sexual e promover iniciativas que aumentem o conhecimento sobre a mesma, potenciando a aquisição de competências que protejam as crianças de uma eventual situação de risco.

As ações de capacitação sobre este tema podem ser organizadas em três grandes módulos:

MÓDULOS	TÓPICOS ABORDADOS
Módulo 1. Recrutamento e seleção seguros.	1.1. Documentos 1.2. Verificações prévias 1.3. Entrevistas 1.4. Compromissos
Módulo 2. Mapas de Risco e Códigos de Conduta.	2.1. Elaboração de um Mapa de Riscos 2.2. Comportamentos a promover, a evitar e comportamentos proibidos
Módulo 3. Sensibilização e Prevenção.	3.1. Duração 3.2. Recursos 3.3. S.A.F.E.

Este tema está organizado em **3 MÓDULOS**, cada um com uma duração prevista de 2h!

// RECRUTAMENTO E SELEÇÃO SEGUROS.

Objetivos de aprendizagem

1. Identificar procedimentos de recrutamento e seleção seguros, em matéria de proteção de crianças.
2. Conhecer as políticas e procedimentos específicos para recrutamento e seleção de pessoas que interagem com crianças, no contexto da Igreja Católica.
3. Conhecer os aspetos que devem ser considerados num processo de recrutamento, em situação de análise curricular e entrevista.

Recursos necessários:

Manual de Prevenção (p. 65)

Unicef:

Política de salvaguarda da criança:
[unicef_politica-salvaguarda-da-crianca.pdf](#)

Selo Protetor:

9b26daf6-dff1-4d29-8eac-e3c6b955518e
([cnpdpcj.gov.pt](#))



ATIVIDADES SUGERIDAS

1. *Role play*: simulação de uma situação de entrevista de emprego, em que o candidato é um agressor sexual que tenta ser selecionado para trabalhar numa paróquia.



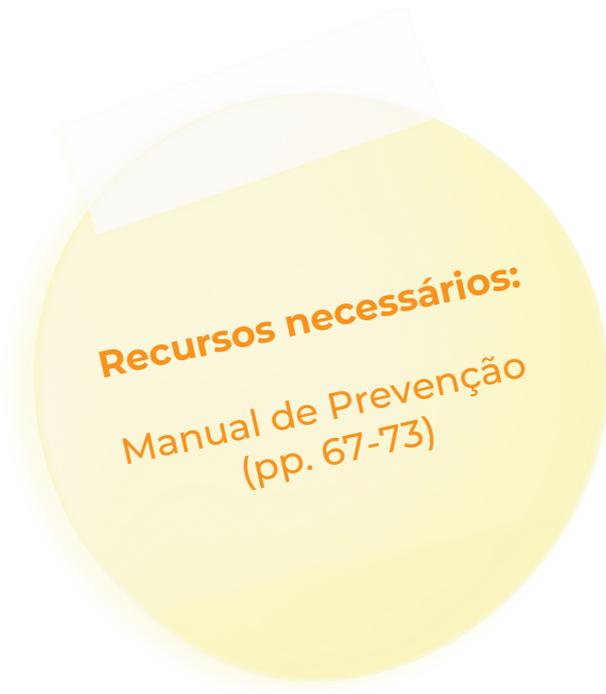
QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Como deve ser conduzida uma entrevista de emprego, de modo a ter em conta os possíveis riscos associados a funções que envolvem um contacto direto com crianças e adultos vulneráveis?
2. Que políticas e procedimentos em matéria de recrutamento e seleção são conhecidos e desconhecidos?
3. A organização a que pertença tem um processo de recrutamento e seleção seguro?

// MAPAS DE RISCO E CÓDIGOS DE CONDUTA.

Objetivos de aprendizagem

1. Conhecer os riscos específicos de um dado contexto religioso frequentado por crianças/adultos vulneráveis, identificando a probabilidade da sua ocorrência e o impacto do dano.
2. Definir estratégias preventivas a implementar.
3. Elaborar um Código de Conduta, identificando comportamentos e atitudes a promover, comportamentos e atitudes a evitar, e comportamentos proibidos.



Recursos necessários:
Manual de Prevenção
(pp. 67-73)



ATIVIDADES SUGERIDAS

1. Criar grupos de três elementos. Cada grupo deve:
 - Identificar diversos riscos associados ao seu contexto de atuação;
 - Para um risco em concreto, elaborar uma matriz de riscos, cruzando a probabilidade de ocorrência com o impacto da situação;
 - Identificar ações de melhoria/corretoras, procurando mitigar o risco;
 - Apresentar oralmente a sua matriz de riscos.
2. Criar grupos de quatro elementos. Cada grupo deve adaptar o Código de Conduta que é exemplificado no Manual de Prevenção aos diferentes contextos de atuação.



QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Que riscos parecem ser comuns aos vários contextos de atuação?
2. As ações de melhoria e/ou corretoras são ajustadas às matrizes de riscos que foram elaboradas?
3. O meu contexto de atuação tem um Código de Conduta?
4. Em que medida posso adaptar o Código de Conduta analisado?

// SENSIBILIZAÇÃO E PREVENÇÃO.

Objetivos de aprendizagem

1. Aumentar a consciencialização de adultos e crianças sobre a problemática da violência sexual.
2. Distinguir entre ações de sensibilização e ações de prevenção (universal, seletiva e indicada), e a sua relação no aumento de conhecimento e aquisição de competências específicas.
3. Conhecer as variáveis que aumentam a eficácia das ações de sensibilização e prevenção.

Recursos necessários:

Manual de Prevenção
(p. 66; pp. 74-76)

Programas de prevenção do abuso sexual construídos
no âmbito do Grupo VITA, para crianças
do 1.º ao 3.º ciclo (www.grupovita.pt)

Agulhas, R., Figueiredo, N., & Alexandre, J. (2016).
Vamos prevenir! As aventuras do Búzio e Coral.
Lisboa: Edições Sílabo.

Alexandre, J., Agulhas, R., & Lopes, C. (2019).
Picos e Avelã à Descoberta da Floresta do Tesouro.
Lisboa: Ideias com História.



ATIVIDADES SUGERIDAS

1. Criar grupos de dois a quatro elementos. Cada grupo deve analisar alguns materiais de prevenção primária ou universal do abuso sexual, organizados pelos diversos temas.
2. Para cada tema dos programas de prevenção, o grupo deve desenvolver novas atividades práticas que suscitem a discussão e o pensamento crítico.



QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Em que medidas as atividades analisadas se ajustam às faixas etárias para as quais foram pensadas?
2. As diversas atividades são apelativas?
3. As diversas atividades estimulam a reflexão e o pensamento crítico?
4. A linguagem utilizada nas diversas atividades é adequada à faixa etária a que se destinam?
5. De que outro modo poderia ser abordado cada tema?
6. Que outras atividades posso pensar para abordar cada um dos temas?

AGIR.

AGIR.

Neste tema reflete-se sobre as políticas de denúncias internas, os Canais de Denúncia e os processos de acolhimento, escuta e acompanhamento das vítimas. Pretende-se a realização de uma atividade de cariz mais abrangente, ajudando os participantes a integrar todos os conteúdos apreendidos.

As ações de capacitação sobre este tema podem ser organizadas num módulo:

MÓDULOS	TÓPICOS ABORDADOS
Módulo 1. Políticas e Canais de Denúncia.	1.1. Política de denúncias internas 1.2. Canal de Denúncias 1.3. Procedimentos organizacionais

Este tema está organizado num **MÓDULO** com uma duração prevista de 3h!

// POLÍTICAS E CANAIS DE DENÚNCIA.

Objetivos de aprendizagem

1. Conhecer os princípios gerais que devem sustentar um Canal de Denúncias.
2. Identificar as diversas fases de um Canal de Denúncias, desde a receção ao registo e tratamento de denúncias internas.

Recursos necessários:

Manual de Prevenção
(pp. 78-87)

Ferramenta
de reflexão



ATIVIDADES SUGERIDAS

1. Em pequenos grupos, os participantes devem analisar diferentes contextos de atuação (p. ex., paróquia, escola católica, agrupamento de escuteiros) e, para cada um deles, identificar a melhor forma de implementar um Canal de Denúncias.
2. Ferramenta de Reflexão.



QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Qual é o objetivo de um Canal de Denúncias?
2. De que forma pode funcionar um Canal de Denúncias?
3. Quais são os diversos princípios que devem orientar um Canal de Denúncias?
4. Quais são as fases pela qual deve passar uma denúncia, desde a sua receção inicial?
5. Como posso implementar um Canal de Denúncias no meu contexto de atuação?

FERRAMENTA DE REFLEXÃO²

O que podem fazer as estruturas eclesiais para proteger as crianças e adultos vulneráveis contra situações de violência sexual?

Este recurso foi concebido para apoiar na reflexão sobre o que a sua organização faz atualmente para prevenir a violência sexual. Os quadros seguintes convidam à reflexão sobre a capacidade organizacional dos colaboradores, voluntários e da comunidade.

Esta ferramenta descreve algumas considerações e estratégias para prevenir a violência sexual nas estruturas eclesiais e proporciona um espaço para reflexão sobre as ações e o ambiente atual e o que poderá ser feito no futuro.

Muitas áreas de ação sobrepõem-se ou repetem-se porque a construção de um ambiente protetor e de uma cultura positiva e de cuidado é um exercício para toda a organização. Nem todas as estratégias aqui listadas serão relevantes ou viáveis a curto prazo, mas a ferramenta destina-se a ajudar as direções e colaboradores na construção de um ambiente mais seguro e protetor.

Sempre que se lê “organização”, deve-se ajustar à realidade do contexto em que está a ser aplicado, nomeadamente, Paróquia, Catequese, Escola, Casa de Acolhimento, Escuteiros ou outra,

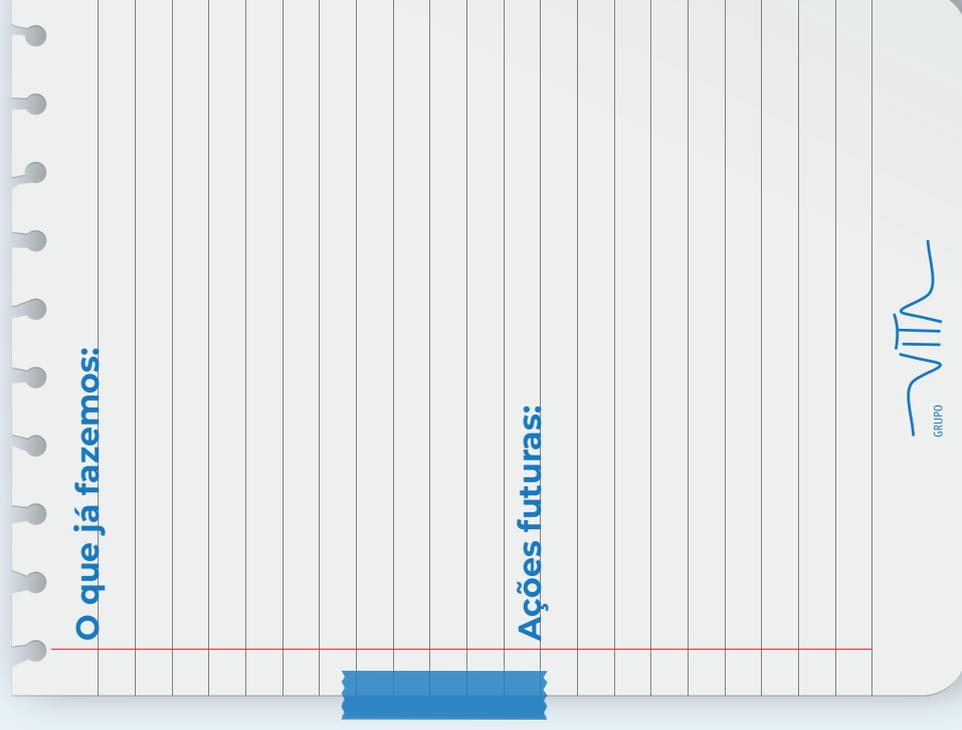
² Adaptado de Australian Institute of Family Studies (AIFS).

CAPACIDADE ORGANIZACIONAL

1 POLÍTICAS E PRÁTICA: O AMBIENTE FÍSICO

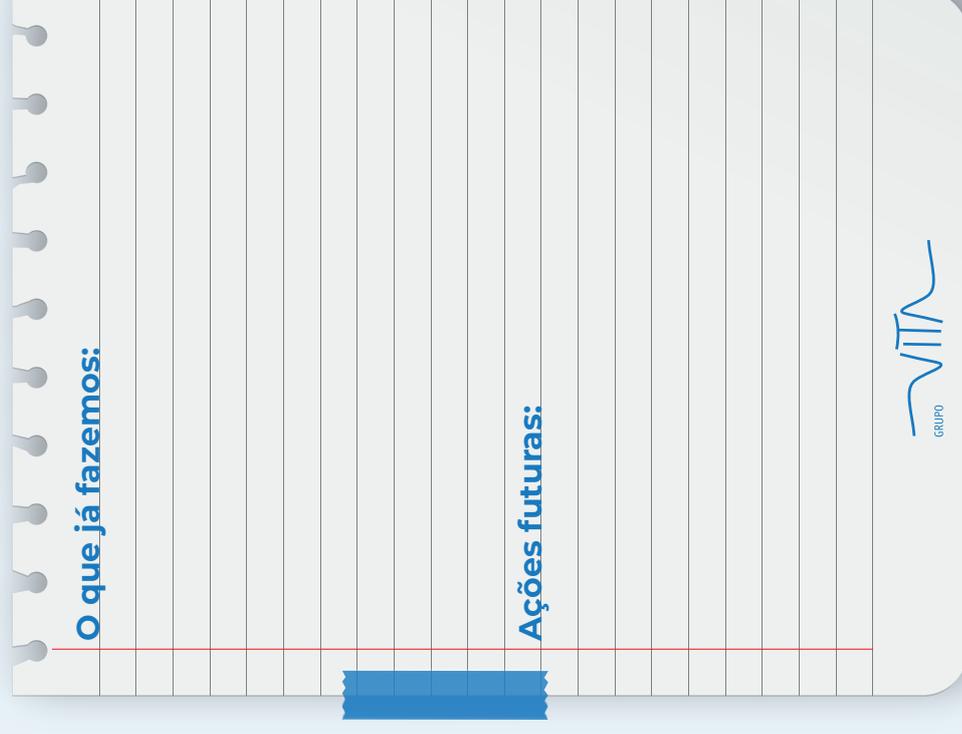
Considerações e estratégias para prevenir a violência sexual:

- A organização possui políticas e procedimentos para controlar o acesso às instalações ou às instalações usadas pelo grupo de crianças/adultos vulneráveis noutros contextos.
- A organização identifica os riscos à segurança das crianças/adultos vulneráveis decorrentes do ambiente físico. Isso pode incluir a identificação de espaços:
 - Mal supervisionados.
 - Isolados.
 - Com fácil acesso a pessoas alheias à organização.
- A organização aborda os riscos apresentados pelo ambiente físico.



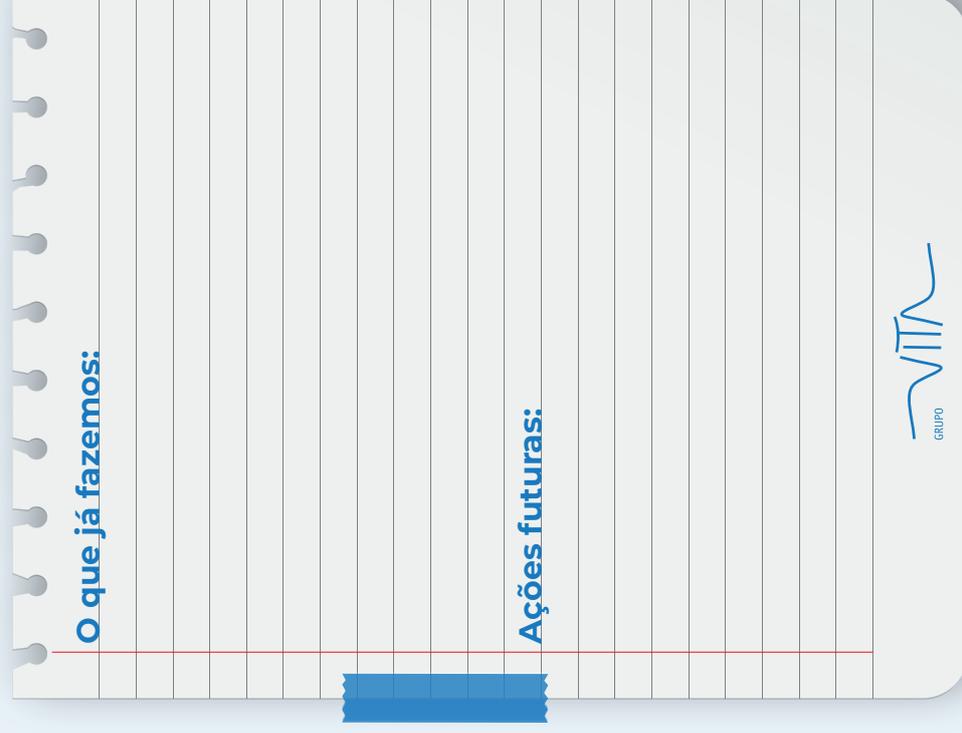
Considerações e estratégias para prevenir a violência sexual:

- Existem Códigos de Conduta aplicáveis para adultos que trabalham ou fazem voluntariado. Estes descrevem, de forma clara, o comportamento aceitável em relação a:
 - Contato físico e não físico (inclusive *online*) e comunicação com as crianças/adultos vulneráveis.
 - Responsabilidades de denunciar/reportar.
 - O papel dos adultos em manter as crianças/adultos vulneráveis seguros.
 - O papel dos colaboradores e voluntários na proteção.
- Ações que promovam o bem-estar e protejam as crianças/adultos vulneráveis de perigos fazem parte das expectativas da organização, com uma liderança qualificada e abordagens regulares destas temáticas nas reuniões de equipa e nos planos de formação:
 - Colaboradores com responsabilidades específicas para ajudar a garantir uma abordagem que vise o bem-estar das crianças/adultos vulneráveis e a sua segurança.
- Códigos de Conduta e comportamentos esperados são abordados regularmente em reuniões de equipa e em momentos informais, de forma a garantir que são parte integrante da prática e da cultura organizacional.



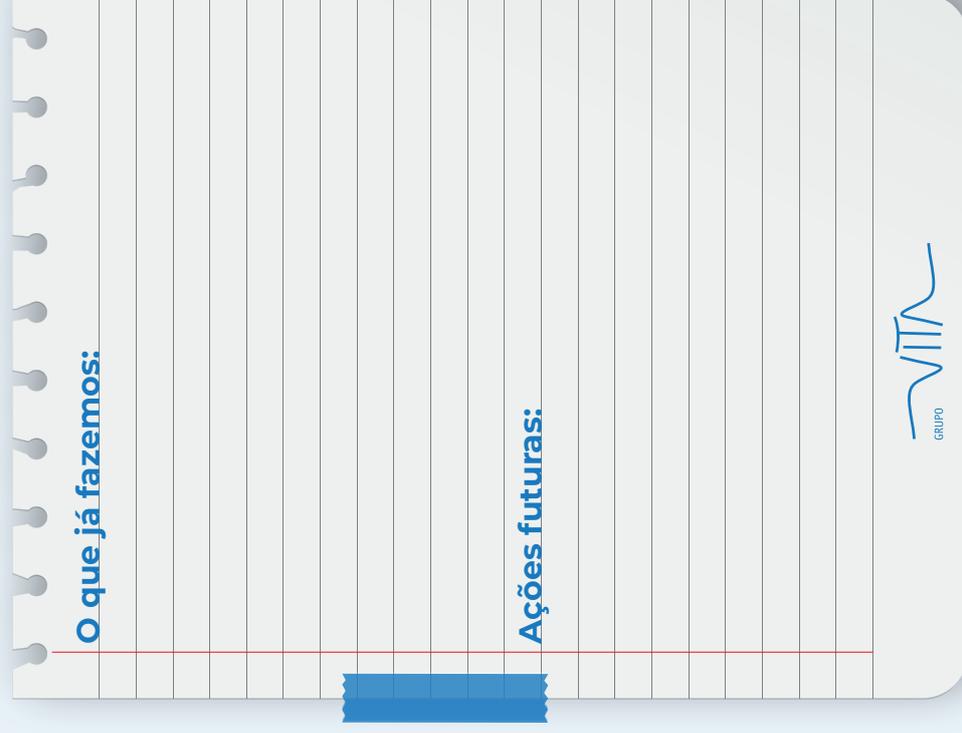
Considerações e estratégias para prevenir a violência sexual:

- Colaboradores e voluntários são selecionados e recrutados garantindo-se que são adequados para trabalhar com crianças/adultos vulneráveis, solicitando-se, ainda, o registo criminal.
- A verificação prévia de antecedentes é registada numa base de dados geral.
- Existem procedimentos de integração e acompanhamento de novos colaboradores e voluntários.
- A entrada de novos colaboradores e voluntários é precedida de uma comunicação clara sobre os Códigos de Conduta, com assinatura de documento de compromisso do seu cumprimento, e responsabilidades para manter as crianças/adultos vulneráveis protegidos (incluindo proteção contra violência sexual e denúncia obrigatória).



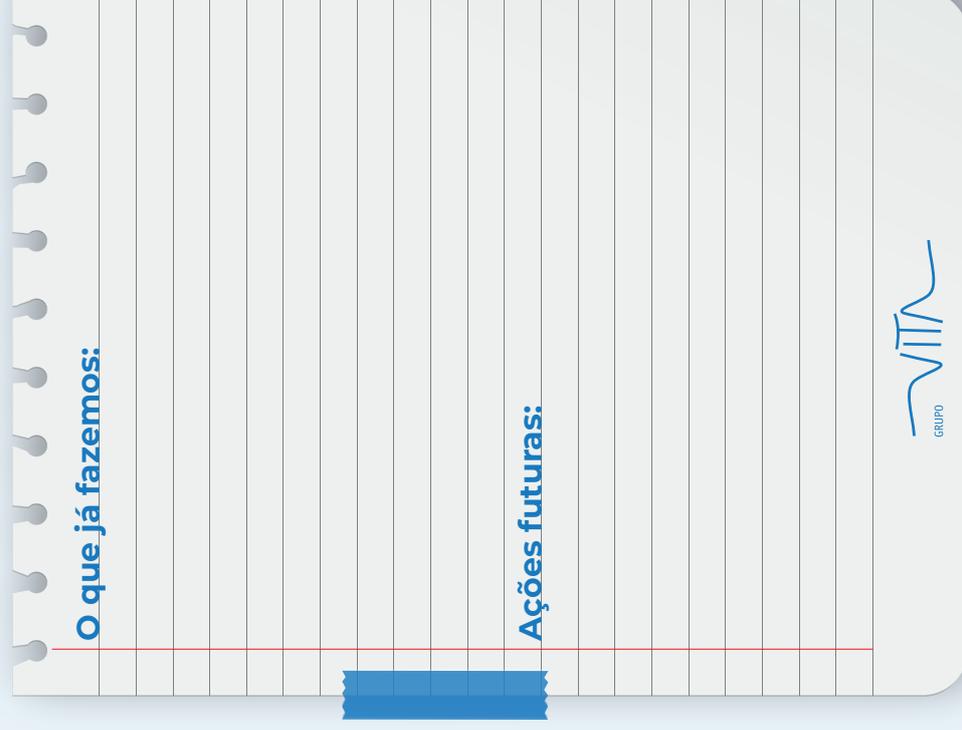
Considerações e estratégias para prevenir a violência sexual:

- Existem planos de formação inicial e contínua de todos os colaboradores e voluntários, que incluem a prevenção da violência sexual e os elementos-chave para a sua prevenção. Esta formação inclui:
 - A prevenção da violência sexual.
 - Comportamentos sexuais apropriados e inapropriados.
 - Como abordar o tema das relações seguras e saudáveis.
 - Compreender as necessidades das crianças/adultos vulneráveis.
 - Segurança *online*.
 - Construir uma cultura e um ambiente seguro para as crianças/adultos vulneráveis.
- Existem registos pormenorizados (p. ex., registo formal das equipas) dos colaboradores e voluntários que concluíram a formação (e quando).



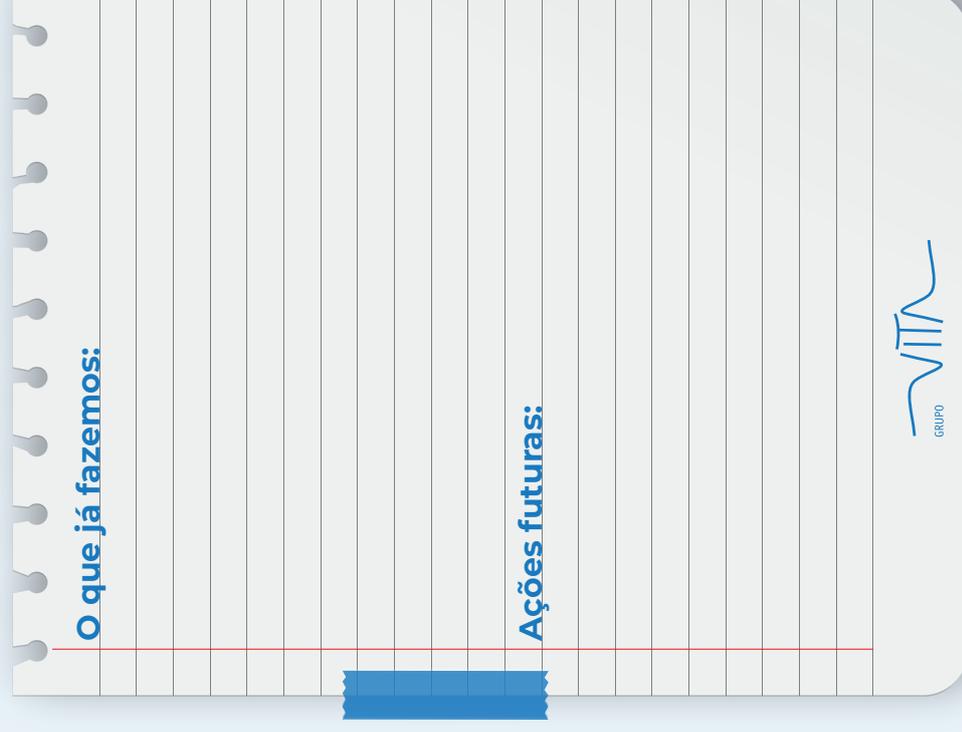
Considerações e estratégias para prevenir a violência sexual:

- Existem processos claros para que colaboradores, voluntários, crianças/adultos vulneráveis e famílias reportem preocupações sobre comportamentos inseguros ou prejudiciais (incluindo, entre outros, obrigações de denúncia obrigatória).
- Os canais de denúncia são comunicados em linguagem simples a todos os colaboradores, voluntários, crianças e famílias.
- As orientações sobre como denunciar podem ser facilmente acedidas por todos (p. ex., site ou espaço de convívio).
- Os canais de denúncia incluem orientações sobre:
 - Quando denunciar.
 - A quem denunciar.
 - O que acontece após denunciar.
- A organização possui uma lista de entidades ou pessoas que podem ser contactadas para falar sobre preocupações, dúvidas ou encaminhamentos relativamente a comportamentos que não se enquadram, de forma clara, na denúncia obrigatória.



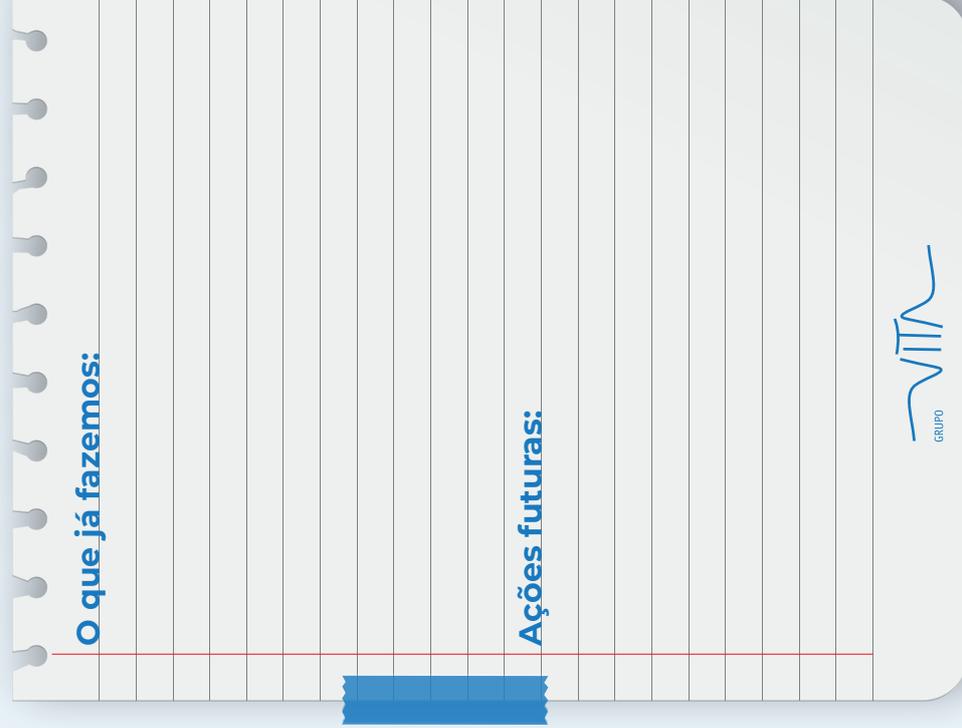
Considerações e estratégias para prevenir a violência sexual:

- Existem regulamentos internos que definem, de forma clara, os direitos e deveres das crianças/adultos vulneráveis, bem como os comportamentos adequados e desadequados.
- A organização comunica, com linguagem acessível, a todas as crianças/adultos vulneráveis quais são os seus direitos e deveres.
- Existem atividades para que as crianças/adultos vulneráveis sejam envolvidos nas decisões que os afetam.
- Existe um compromisso de toda a organização em acreditar nas preocupações das crianças/adultos vulneráveis.
- A organização facilita a abordagem de temas abrangentes como:
 - Relações saudáveis e respeitosas.
 - Consentimento.
 - Segurança infantil.
 - Segurança *online*.
- A segurança e as atividades *online* para colaboradores, crianças/adultos vulneráveis e famílias são definidas de acordo com os Códigos de Conduta e boas práticas e garantem a proteção das crianças/adultos vulneráveis.
- Existem políticas claras para a integração das famílias na segurança organizacional.
- A organização tem uma lista de entidades comunitárias que podem ser contactadas para perguntas, preocupações e encaminhamentos de crianças/adultos vulneráveis.



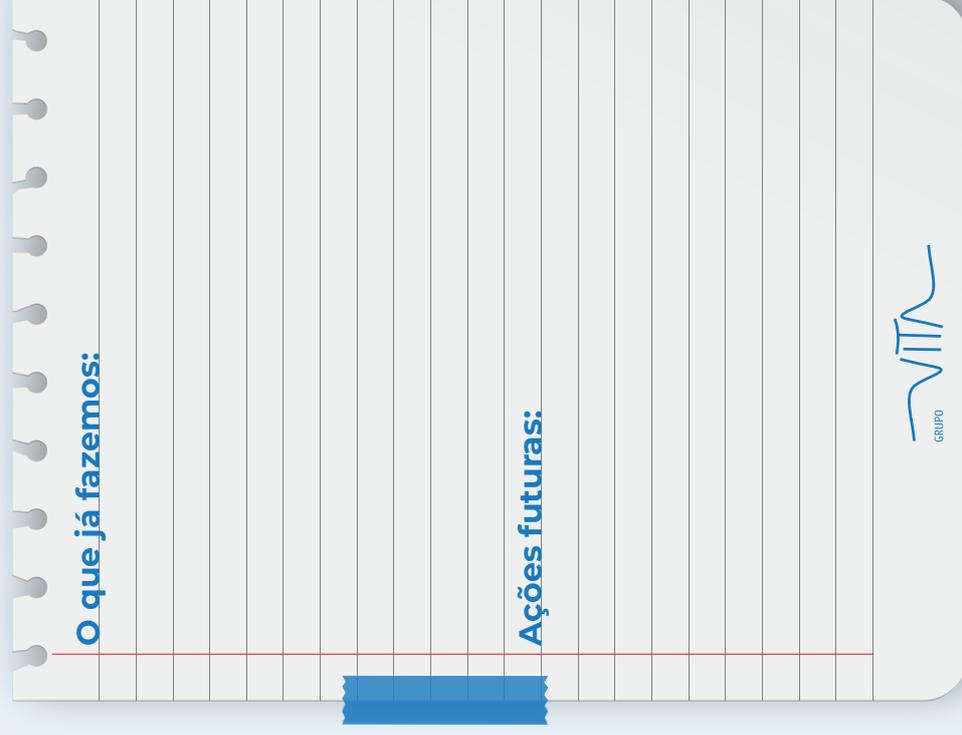
Considerações e estratégias para prevenir a violência sexual:

- Existe um plano de atividades que inclui a partilha de informações sobre o que está a ser feito para garantir a proteção das crianças/adultos vulneráveis.
- A organização comunica regularmente informações sobre o que as famílias podem fazer para prevenir a violência sexual.
- A organização comunica regularmente informações às famílias sobre como denunciar situações abusivas.
- As informações para famílias são adaptadas às necessidades da organização.
- A organização oferece formação às famílias sobre:
 - Segurança infantil (incluindo a prevenção da violência sexual).
 - Consentimento.
 - Relacionamentos respeitosos e seguros.
 - Segurança *online*.



Considerações e estratégias para prevenir a violência sexual:

- Existe uma política para, regularmente, identificar e avaliar o risco de violência sexual na organização.
- As avaliações de risco podem incluir:
 - O ambiente físico e outras instalações utilizadas para determinadas atividades.
 - As políticas e procedimentos (incluindo os relacionados com as atividades *online*).
 - A cultura e características da organização.
- As avaliações de risco são usadas para:
 - Adotar novas políticas.
 - Avaliar a adequação das políticas existentes.
- As políticas e procedimentos são revistos e atualizados regularmente.
- Existem planos concretos para implementar políticas e consultá-las diariamente.



CAPACIDADE DAS EQUIPAS

9

DIREÇÕES: FUNÇÕES, RESPONSABILIDADES E APOIO

Considerações e estratégias para prevenir a violência sexual:

- A Direção defende uma cultura centrada na criança/adulto vulnerável, onde estes são ouvidos e a sua segurança e bem-estar está integrado nas políticas e nas práticas organizacionais.
- A Direção garante, de forma ativa, que a organização está em conformidade com as diretrizes da Declaração Universal dos Direitos Humanos e a Convenção sobre os Direitos da Criança.
- A Direção garante que a organização tem políticas e procedimentos claros e de fácil acesso para manter as crianças/adultos vulneráveis seguros (e que estes incluem ações para prevenir a violência sexual).
- A Direção garante que as políticas e procedimentos para proteção das crianças/adultos vulneráveis são revistos e atualizados regularmente.
- A Direção participa regularmente ou coordena autoavaliações de riscos para a segurança das crianças/adultos vulneráveis (incluindo a violência sexual).
- A Direção procura e partilha informações com outras organizações sobre as suas políticas de prevenção da violência sexual.
- A Direção promove uma comunicação regular e transparente adotando uma linguagem simples sobre:
 - Políticas e procedimentos para proteção das crianças/adultos vulneráveis.
 - Códigos de Conduta e comportamentos aceites e proibidos dos colaboradores e voluntários.
 - Papéis e responsabilidades na proteção das crianças/adultos vulneráveis (incluindo a prevenção da violência sexual).
- A importância em acreditar nas denúncias.
- Compreender que as crianças/adultos vulneráveis não são responsáveis pela violência sexual, mesmo quando esta ocorre entre pares.

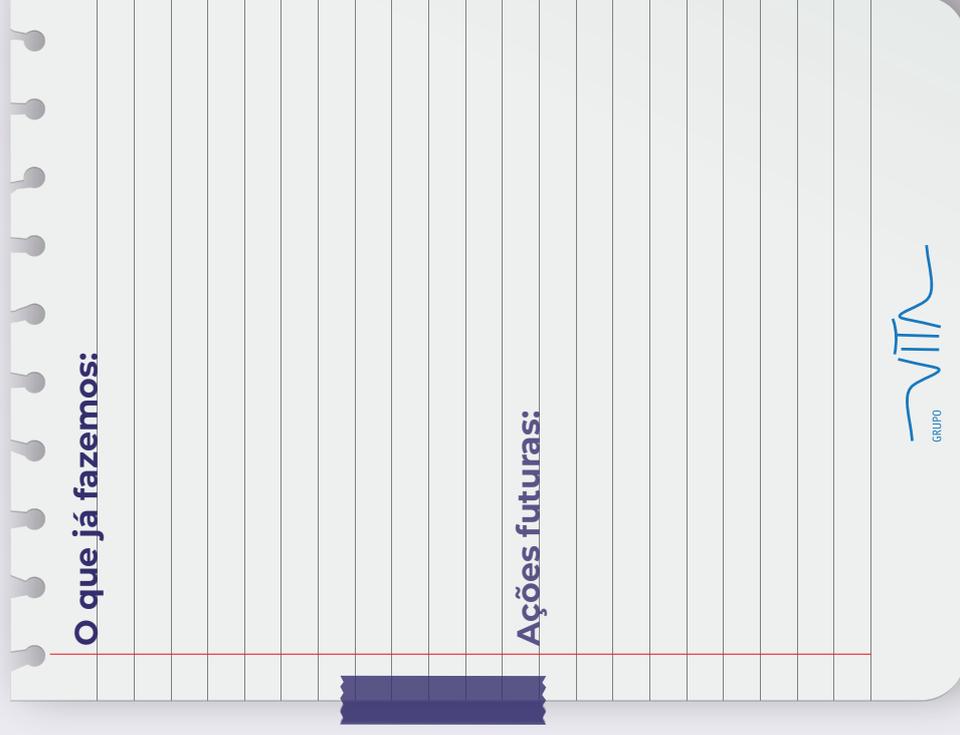
O que já fazemos:

Ações futuras:



Considerações e estratégias para prevenir a violência sexual:

- Os colaboradores e os voluntários fazem parte de uma cultura centrada na criança/adulto vulnerável, onde estes são ouvidos e a sua proteção e bem-estar são pensados.
- Os colaboradores e os voluntários entendem a necessidade de acreditar nas preocupações das crianças/adultos vulneráveis e agem de acordo com as mesmas.
- Os colaboradores e os voluntários compreendem que as crianças/adultos vulneráveis não são responsáveis pela violência, incluindo aquela que ocorre entre pares.
- Os colaboradores e os voluntários conhecem os Códigos de Conduta e boas práticas (incluindo os comportamentos aceites e proibidos).
- Os colaboradores e os voluntários conhecem as políticas e procedimentos para a proteção das crianças/adultos vulneráveis.
- Os colaboradores e os voluntários sabem como denunciar situações abusivas.
- Os colaboradores e os voluntários são incluídos na avaliação dos riscos para a segurança das crianças/adultos vulneráveis (incluindo riscos de violência sexual).
- Os colaboradores e os voluntários recebem formação inicial e contínua sobre:
 - Como manter as crianças/adultos vulneráveis seguros.
 - As necessidades das crianças/adultos vulneráveis.
 - Segurança *online*.
- Os colaboradores e os voluntários recebem formação inicial e contínua que os permite apoiar as crianças/adultos vulneráveis na:
 - Segurança pessoal.
 - Consentimento.
 - Relacionamentos respeitosos e seguros
 - Segurança *online*.



CULTURA ORGANIZACIONAL

11

ESTRUTURAS CENTRADAS NAS CRIANÇAS

Considerações e estratégias para prevenir a violência sexual:

- Os princípios do bem-estar e de segurança das crianças/adultos vulneráveis estão no centro da organização.
- Os colaboradores promovem atitudes e comportamentos que protegem contra todos os tipos de violência.
- Existe um compromisso demonstrado em acreditar nas preocupações das crianças/adultos vulneráveis.
- As crianças/adultos vulneráveis estão conscientes dos seus direitos e deveres.
- As crianças/adultos vulneráveis são incluídos nas discussões sobre políticas e procedimentos criados para a sua proteção.
- As crianças/adultos vulneráveis são agentes ativos na tomada de decisão sobre questões que lhes dizem respeito.
- As crianças/adultos vulneráveis sabem o que fazer se vivenciarem ou tomarem conhecimento de comportamentos de risco ou perigo.
- As crianças/adultos vulneráveis conseguem perceber que as suas preocupações são reconhecidas e colocadas em prática.
- As crianças/adultos vulneráveis são incentivados a pedir ajuda sempre que precisam (incluindo violência sexual).
- A Direção procura e partilha informações com outras organizações sobre as suas políticas de prevenção da violência sexual.
- A Direção promove uma comunicação regular e transparente, adotando uma linguagem simples sobre:
 - Políticas e procedimentos para proteção das crianças/adultos vulneráveis.
 - Códigos de Conduta e comportamentos aceites e proibidos dos colaboradores e voluntários.
 - Papéis e responsabilidades na proteção das crianças/adultos vulneráveis (incluindo a prevenção da violência sexual).
- A importância em acreditar nas denúncias.
- Compreender que as crianças/adultos vulneráveis não são responsáveis pela violência sexual, mesmo quando esta ocorre entre pares.

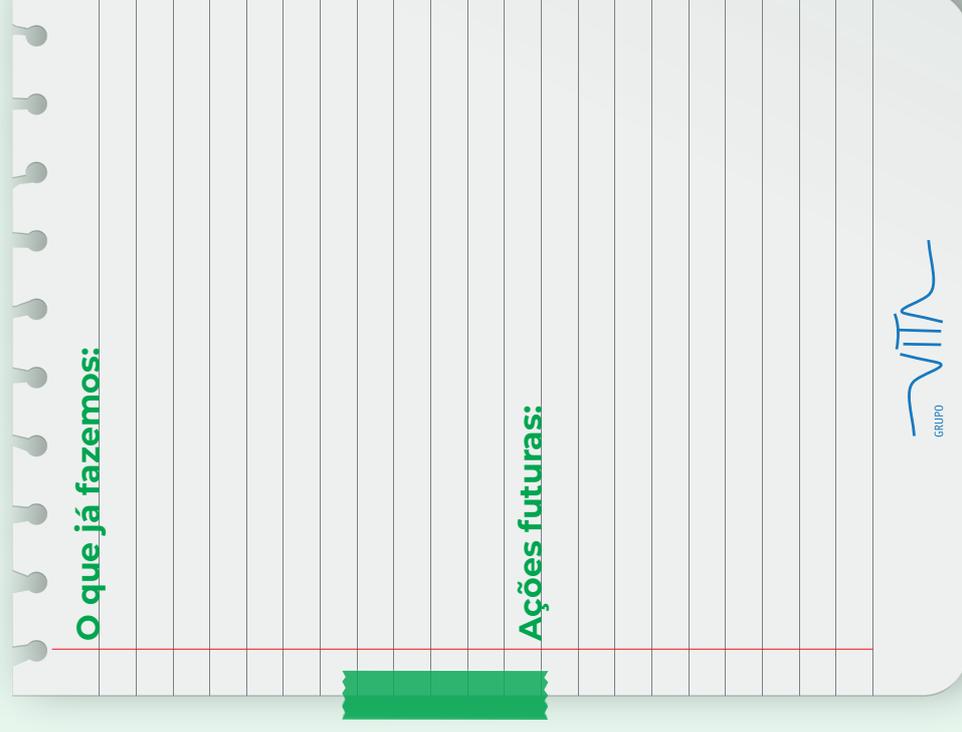
O que já fazemos:

Ações futuras:



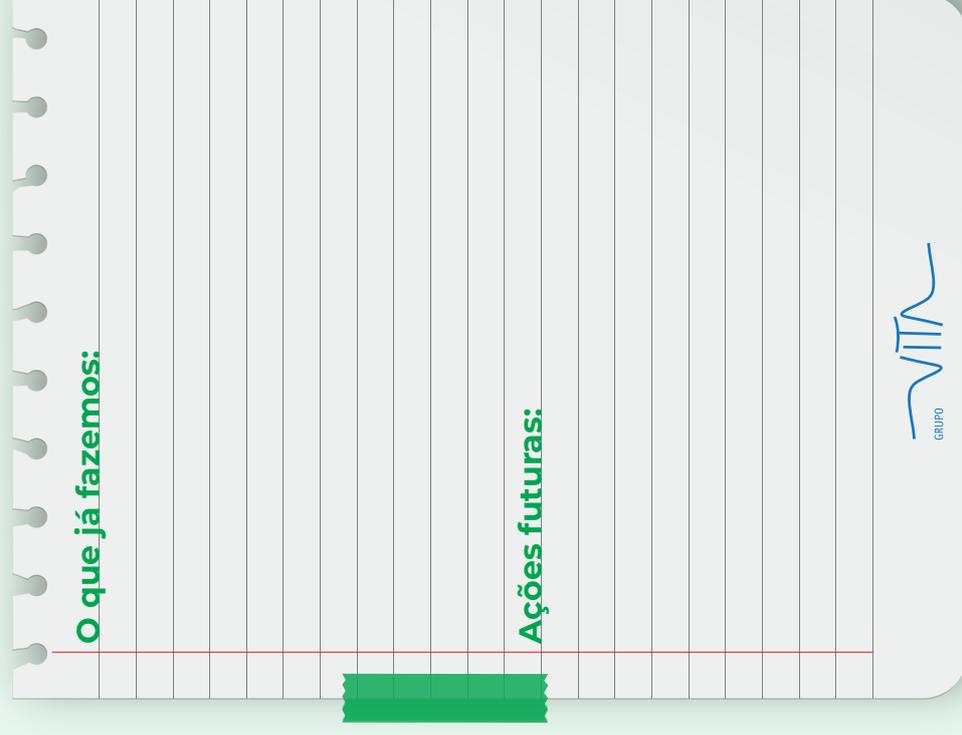
Considerações e estratégias para prevenir a violência sexual:

- As crianças/adultos vulneráveis são incentivados e ajudados a identificar cinco ou mais adultos de confiança nas suas vidas. Devem ser adultos com quem se sintam confortáveis para conversar. A lista de adultos pode incluir familiares, colaboradores da organização e/ou membros da comunidade.
- As crianças/adultos vulneráveis têm a possibilidade de abordar temas como:
 - Direitos e deveres.
 - Consentimento.
 - Relacionamentos respeitosos, seguros e saudáveis.
 - Segurança pessoal.
 - Segurança *online*.
- As crianças/adultos vulneráveis aprendem e compreendem que a violência, a exploração e o aliciamento sexual são crime.
- As crianças/adultos vulneráveis aprendem e compreendem que não são culpados nem responsáveis pelas situações de violência sexual.
- As crianças/adultos vulneráveis mantêm conversas regulares sobre consentimento, poder e pressão.
- A organização promove atitudes e comportamentos que protegem contra todos os tipos de violência.



Considerações e estratégias para prevenir a violência sexual:

- A comunidade religiosa é inclusiva e culturalmente segura.
- As famílias e cuidadores de todas as origens:
 - Sentem-se confortáveis para receber informações da sua comunidade religiosa.
 - Sentem-se parte da comunidade religiosa.
 - Procuram a comunidade religiosa quando têm preocupações sobre comportamentos ou incidentes reportados nesse contexto.



E AGORA? CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão deste roteiro formativo significa que um determinado conjunto de pessoas beneficiou de um processo de capacitação inicial, que não deve ser entendida como um fim em si mesmo, mas sim como um primeiro passo.

A formação e capacitação de todos aqueles que integram uma organização é um processo continuado ao longo do tempo, que integra diversas fases e exige vários momentos de reflexão conjunta. Pretende-se criar e manter ambientes seguros e protetores, pautados por uma cultura de cuidado e centrados nos direitos e no bem estar das crianças/ adultos vulneráveis.

Assim, a estas ações deve seguir-se um plano de continuidade, com formação regular, supervisão e avaliação contínua das políticas e procedimentos de segurança.



«Não há paz sem a cultura do cuidado»

Papa Francisco, 2020





GRUPO  VITA

 CONFERÊNCIA
EPISCOPAL
PORTUGUESA